

Ed.1. O rastro da pandemia na mobilidade urbana



Olá!

Já faz um tempo que você não recebe a newsletter do [Estadão Summit Mobilidade Urbana](#). Pois é, a gente sabe que deixou saudade e volta agora com uma surpresinha. Estamos de cara nova e com um novo nome: **Circula**.

A cada 15 dias, entregaremos as principais notícias e debates do setor. Já nesta primeira edição, queremos abordar um tema cujo interesse tem crescido conforme o número de mortes pela covid-19 começa a cair: **qual será o tamanho do rastro que a pandemia vai deixar na mobilidade?**

Tempo aproximado de leitura: 6 min

Saldo negativo

Do ponto de vista humano, as perdas foram alarmantes. Segundo [um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\)](#), os profissionais do transporte estavam no mínimo 70% mais

vulneráveis à covid-19 do que os de outras ocupações analisadas pela pesquisa.

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) também mostraram que, entre abril de 2020 e março de 2021, cobradores e motoristas de ônibus lideraram o ranking de encerramentos de contratos de trabalho por morte.

Junto a isso, a mobilidade encontrou crises econômicas substanciais, como a do transporte público. Empresas de ônibus e trens chegaram até a cogitar a criação de um Sistema Único de Mobilidade Urbana para financiar seu funcionamento.

Em meio ao medo de aglomerações e à preferência pelo transporte individual ou por serviços de aplicativo, cuja adesão só cresce, o modal coletivo se vê diante do desafio de se reinventar. Seja melhorando suas concessões, aprimorando o conforto e a acessibilidade ou apostando na integração com outros modais, como a bike.

Cidades para pessoas



Por falar em bicicleta, a mobilidade ativa recebeu atenção especial no último ano, [movimentando a economia](#). De [ciclovias temporárias](#) na América Latina a [vales para a compra de bicicletas](#) na Europa, o olhar para os deslocamentos sustentáveis foi acompanhado de propostas como o [Cidade de 15 minutos](#) e a abertura de calçadas.

Em entrevista ao Estadão Summit Mobilidade, a presidenta da União de Ciclistas do Brasil (UCB), Ana Carboni, falou do tamanho do [bike boom](#) por aqui. Agora é esperar para ver o que fica dessa onda.



Além do Borba Gato

Se a estrutura das cidades reflete as contradições de seu tempo, o mesmo acontece com os nomes que estampam suas placas. Felizmente, a cada releitura da história é possível rever esses símbolos.

Em São Paulo, o [Elevado João Goulart](#) até 2016 era Costa e Silva. O nome do político que presidiu o País durante a ditadura militar foi trocado pelo do presidente eleito democraticamente.

Em Bordeaux, na França, a [ressignificação urbana](#) parece mais branda, embora também tente passar a história a limpo. Lá, ruas com nomes de traficantes de escravos recebem descrições reforçando o papel danoso de cada personagem.

Qual você considera a melhor forma de demarcar essas releituras?

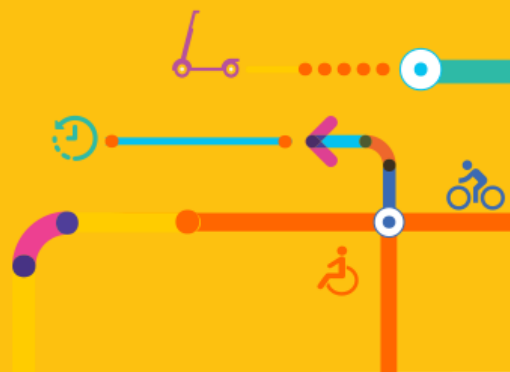


À margem

Já dissemos que a crise do transporte coletivo vem atingindo seu ápice durante a pandemia. E quem mais sofre com essa fragilização são as populações mais vulneráveis.

Estudos mostram que os pobres são os mais atingidos pelo baixo investimento em mobilidade urbana. E uma atenção especial nessa conta deve ser dada às mulheres, maiores usuárias do transporte público. Aqui, falamos um pouco do que cada lugar social diz do acesso à cidade.

Número
da semana



US\$ 20 mil

É o preço médio de um [criptocar](#), carro elétrico com capacidade para minerar criptomoedas. A empresa fabricante do veículo a ser lançado em 2023 diz que ele pode gerar até **US\$ 350** por mês em mineração de moedas digitais.



Ponto final

"Quando faço autópsias no HC, a maioria dos que levam formas graves do coronavírus é pobre. Eu não tenho dúvida de que, vendo o corpo das pessoas e as doenças que contraíram, vivo em um laboratório prático das consequências da urbanidade."

Paulo Saldiva, médico patologista, [em entrevista ao Estadão Summit Mobilidade Urbana](#)